

UM JEITO 'BARBIE' DE SER: ANALISANDO FEMINILIDADES EM FILMES DE ANIMAÇÃO DA BARBIE.

Telma Iara Bacarin

RESUMO

Neste artigo, realizamos uma análise de dois filmes de animação, os quais têm a boneca *Barbie* como protagonista. Buscamos identificar as diferentes formas e possibilidades para a vivência das feminilidades que os filmes veiculam e produzem/reproduzem. Nossa pesquisa utiliza os referenciais teóricos dos Estudos de Gênero, Estudos Culturais e pressupostos foucaultianos. Adotando como principais os conceitos de Gênero, identidade e o de modos de subjetivação. Buscamos o referencial metodológico nas terias pós-críticas. Esses campos teóricos nos possibilitam analisar os filmes enquanto artefatos culturais, e como tal, parte das pedagogias culturais que produzem/reproduzem conhecimentos e saberes.

Palavras-chave: Artefatos culturais. Gênero. Subjetivação.

INTRODUÇÃO

Este artigo insere-se em uma pesquisa maior desenvolvida no Mestrado em Educação. O objetivo geral da pesquisa é identificar e analisar as diversas feminilidades veiculadas/produzidas nos filmes de animação da *Barbie*, produzidos pela *Mattel Entertainment* tendo a boneca *Barbie* como protagonista, buscando identificar possíveis resistências aos modelos únicos de feminilidades construídos nas obras. Foram selecionados para pesquisa os filmes produzidos/veiculados desde 2001 – quando teve início a produção filmica mais intensa com essa personagem – até o ano de 2012. Nesse período selecionado, constam vinte e três obras produzidas pela empresa. Na pesquisa mais ampla, analisamos cada um desses filmes, identificando os diferentes tipos de feminilidades apresentadas em cada um deles, como elas são visibilizadas ou ‘invisibilizadas’, e os diferentes ensinamentos de feminilidades que aparecem nessas obras.

Os filmes trabalham com diversas facetas de vivência de feminilidades, apresentando *Barbie* como princesa, fada, bailarina, sereia, ou mesmo, apenas como *Barbie*, na chamada linha realidade. Nessa última linha, a boneca é apresentada como uma ‘pessoa/personagem’, dotada de vida, tendo um determinado episódio de sua rotina pessoal revelada nos filmes. Além das feminilidades protagonizadas por *Barbie*,

também analisamos as feminilidades das personagens coadjuvantes, tratando em paralelo essa diversidade e problematizando os modelos criados nos filmes.

Neste artigo optamos por apresentar um recorte da pesquisa mais ampla. Para isso, escolhemos os filmes: *'Diário da Barbie'* (70 min, 2006) e *'Barbie Moda e Magia'* (82 min, 2009). Esses dois filmes foram analisados em nossa pesquisa na 'linha realidade'. A escolha deles ocorreu pelo fato de os roteiros apresentarem uma *Barbie* mais 'real', pois em ambos os filmes as protagonistas passam por problemas pessoais, encontrando caminhos para resolvê-los. Nosso objetivo com as duas obras escolhidas foi de identificar os elementos das feminilidades representadas por *Barbie*, buscando perceber os aspectos que podem atuar na subjetivação de suas espectadoras e também de seus espectadores.

Para a análise do material, adotamos como metodologia o registro detalhado das cenas que julgamos relevantes para as nossas discussões e 'problematizações', anotando informações de falas, enquadramentos, músicas, cenários, figurinos, bem como os comportamentos e atitudes das personagens. Para atingir esse objetivo, assistimos por diversas vezes aos filmes, para tentar captar as várias nuances da obra. Inicialmente, o filme foi visto de forma corrida, sem nenhuma pausa, apenas para conhecer a obra. Após, foi visto com pausas para anotações, retorno de cenas para captura de falas, imagens e registro das músicas. Em seguida, elaboramos uma ficha de análise, para a descrição de partes mais específicas relativas ao objeto da pesquisa.

Dividimos este artigo em partes para melhor abordagem dos temas. Na primeira parte, vamos discutir sobre os artefatos culturais e as pedagogias culturais, destacando a participação do cinema nesse contexto. Na segunda parte, passaremos a descrever e analisar as duas vivências de feminilidades da *Barbie* presentes nos filmes, identificando como elas são veiculadas/produzidas. Para isso nos apoiamos nos referenciais teóricos dos Estudos Culturais, dos Estudos de Gênero e de pressupostos foucaultianos, utilizando como principais os conceitos de Gênero, o de identidade, e o de modos de subjetivação. Por fim, apresentaremos algumas considerações sobre o recorte escolhido da pesquisa, refletindo sobre possíveis 'problematizações' para os filmes analisados e o contexto da educação.

A seguir, passamos a discutir os filmes de animação enquanto elementos das pedagogias culturais, iniciando, dessa forma, nossas reflexões sobre os ensinamentos de feminilidades que buscamos problematizar neste artigo.

1. DISCUTINDO FILMES ENQUANTO ARTEFATOS CULTURAIS

Na perspectiva dos Estudos Culturais, entendemos que os artefatos culturais (inclusive os filmes de animação) exercem determinadas pedagogias. Para pensarmos as pedagogias culturais a definição de Silva (2000) nos parece esclarecedora. O autor argumenta que pedagogia cultural é “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvida no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, entre outros” (SILVA, 2000, p. 79). É, portanto, nessa perspectiva que pensamos os filmes de animação, enquanto produtores/reprodutores de conhecimentos.

Cláudia Cordeiro Rael, nessa perspectiva dos Estudos Culturais, nos fala que:

O cinema, os documentários, os *shoppings*, os museus, os brinquedos, os *video games* e a mídia em geral podem ser compreendidos como instâncias educativas, locais de informação e entretenimento, [...] podem, ser vistos como produtores e veiculadores de representações que sugerem determinados comportamentos e identidades sociais, e que, de algum modo, acabam por regular nossas vidas. (RAEL, 2008, p. 160).

Corroboramos com a autora quando diz que esses artefatos culturais nos ensinam determinadas condutas, determinadas formas de agir, certos modos de estarmos no mundo e nos relacionarmos com ele. Por artefatos culturais entendemos aqueles produtos da nossa cultura, tais como cinema, revistas, brinquedos, entre outros, que atuam como produtores “não apenas de conhecimentos, mas também de subjetividades.” (GIROUX e McLAREN, 1998, p. 144).

Louro (2008), ao analisar as possibilidades de se estudar o cinema na perspectiva da educação, discorre:

Distintas posições-de-sujeitos e práticas sexuais e de gênero vêm sendo representadas, nos filmes, como legítimas, modernas, patológicas, normais, desviantes, sadias, impróprias, perigosas, fatais. Ainda que tais marcações sejam transitórias ou, eventualmente, contraditórias, é possível que seus resíduos e vestígios persistam, algumas vezes por muito tempo, e que venham a assumir significativos efeitos de verdade. (LOURO, 2008, p. 82).

A autora nos fala do caráter transitório da construção das identidades nos filmes, alertando que, de certa forma, algumas identidades adquirem *status* de verdade. Assim, podemos dizer que os filmes de animação da *Barbie* são artefatos culturais que colocam em circulação formas de feminilidades que ganham *status* de verdade, com isso produzem normalizações para as possíveis atitudes e comportamentos femininos, ainda que sejam transitórias.

As feminilidades apresentadas nos filmes analisados estão de certa forma dizendo às espectadoras quais as formas “ideais” para a vivência da feminilidade. Tal como propõe Fischer (2012) “estamos supondo que esse aparato cultural teria uma função formadora, ‘subjativadora’ e, tal como a escola, estaria se valendo de certas técnicas de produção de sujeitos” (FISCHER, 2012, p. 116). A autora pondera, ainda em seus estudos, que o artefato cultural – inclusive os filmes – tem a capacidade de “participar efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.” (FISCHER, 2002, p. 153). As crianças podem fazer múltiplas leituras das feminilidades nos filmes, mas a repetição de certos modelos podem produzir efeitos. Diante do exposto, estamos, neste trabalho, problematizando as técnicas de subjetivação presentes nas obras analisadas.

Falamos em espectadoras, usando apenas o feminino, pois como nos alerta Ellsworth (2001), os filmes são pensados para determinados públicos. São os chamados ‘modos de endereçamento’ que definem quem o filme pensa que é sua espectadora. A esse respeito, a autora afirma que:

Para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na “realidade” do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme. (ELLSWORTH, 2001, p. 14).

Percebemos com a autora que os roteiros são pensados para públicos específicos. As falas, as cores utilizadas, os enquadramentos, os planos são elementos pensados para conseguir atingir esse público ao qual o filme deseja atrair.

Mas, como podemos afirmar que os filmes da *Barbie* são direcionados para as meninas espectadoras? Vemos nesses filmes um claro direcionamento para o público infantil feminino, uma tentativa de capturar a espectadora e fazê-la viver a história, criando empatia com suas personagens. Esse direcionamento transparece na escolha das capas dos DVDs e nas cores das roupas das personagens, quase sempre em tons cor-de-rosa e, também, nas falas de *Barbie* quando convida a menina a navegar com ela pelos *menus* do filme, aproveitando toda a diversão oferecida.

Mas, “o espectador ou a espectadora nunca é, apenas ou totalmente, quem o filme pensa que ele ou ela é” (ELLSWORTH, 2001, p. 20), isso significa que os

meninos, embora não sejam o ‘alvo’ desse modo de endereçamento, podem se subjetivar com o filme, viver suas aventuras e aprender com seus ‘ensinamentos’. Apesar de termos como foco desta pesquisa as identidades femininas, percebemos que as identidades masculinas também se fazem presentes. Personagens como *Ken* e *Kevin* apresentam aos meninos, possíveis espectadores, formas distintas para a vivência das masculinidades, e formas de se relacionar com as feminilidades, constituindo assim, formas para vivência das identidades masculinas e femininas.

O conceito de identidade nos parece relevante para nossas análises. Para entender esse conceito recorreremos à perspectiva discutida por Tomaz Tadeu da Silva, ou seja, entendendo a identidade como uma produção cultural. O autor argumenta que

Um dos efeitos mais importantes das práticas culturais é o de produção das identidades sociais. Em geral, tende-se a naturalizar as identidades sociais [...] as identidades só se definem, entretanto, por meio de um processo de produção da diferença, um processo que é fundamentalmente cultural e social. (SILVA, 2006, p. 25).

O que o autor nos diz é que as constituições de nossas identidades, inclusive as de gênero, se dão por meios de processos culturais. Nesses processos, afirmamos nossas identidades por meio da construção da diferença, ou seja, o reconhecer-se como feminino implica no reconhecer-se como diferente do masculino. Isso implica em reconhecer, também, práticas de atitudes diferentes para cada gênero. Vemos, no filme analisado, diversos elementos que tentam atuar na subjetivação das identidades de suas expectadoras, constituindo determinadas formas de ser e para a vivência da feminilidade.

A seguir, apresentaremos um breve relato dos roteiros dos filmes aqui analisados e, após, trataremos os conceitos teóricos que balizarão nossas análises.

2. APRESENTANDO AS HISTÓRIAS

Para melhor compreensão dos elementos que problematizamos neste artigo, apresentaremos uma breve sinopse dos filmes, a saber: *Diário da Barbie* e *Barbie Moda e Magia*.

2.1 *Diário da Barbie* (70 min, 2006)

As personagens relevantes nesse filme são: *Barbie* como protagonista; *Kevin*, garoto apaixonado por *Barbie*; *Tia* e *Courtney*, amigas de *Barbie* e integrantes de uma

banda com a protagonista; *Todd*, craque do time de futebol por quem *Barbie* se apaixonou; *Raquelle*, namorada de *Todd* e inimiga de *Barbie*.

Barbie é apresentada como uma garota comum, por volta dos 16 anos, entrando no segundo ano do ensino médio. Seu objetivo é ser âncora do canal de notícias da escola, mas não consegue o posto, pois *Raquelle* já ocupou a bancada. *Barbie* é apaixonada por *Todd* e tem a oportunidade de se aproximar dele quando *Raquelle* rompe o namoro com o garoto. *Barbie* se decepciona quando *Todd* rompe o relacionamento com ela por telefone, dizendo que reatou o romance com *Raquelle*. No momento da ligação, ela e suas amigas estavam em uma loja comprando o vestido para o baile anual, ao ver a tristeza de *Barbie*, a vendedora lhe oferece uma pulseira que vinha acompanhada por um diário.

Barbie começa a relatar sua rotina nesse diário e, desde então, sua sorte começa a mudar. Sua banda é escolhida para tocar no baile. Inicia uma matéria que pode lhe render a bancada do canal de notícias. Além disso, começa a receber bilhetes românticos de um admirador secreto. Envolvida com a nova situação *Barbie* deixa suas amizades de lado, colocando sua matéria em primeiro plano.

Barbie atribui seu sucesso à pulseira que ganhou na loja, acreditando que se trata de um amuleto mágico. Mas, a pulseira é roubada e sua onda de sorte parece desaparecer, chegando a romper sua amizade com *Tia* e *Courtney*. Porém, ao final, as amigas reatam a amizade e as três vão juntas tocar no baile. *Barbie* se dá conta de que tudo o que aconteceu se deveu às mudanças que ela mesma propiciou e buscou em sua vida, e não por conta da pulseira que acreditava ser mágica.

2.2 *Barbie Moda e Magia* (82 min, 2009).

As personagens principais desse filme são: *Barbie* como protagonista; *Ken*, namorado de *Barbie*; *Tia Millicent*, que é tia de *Barbie*, designer de moda e dona de uma confecção em Paris; *Marie Alicia*, chamada apenas de *Alice*, é assistente de *Tia Millicent*; *Jaqueline* e *Delphine*, apresentadas no roteiro do filme como concorrentes desonestas da confecção *Millicent's*; *Shyne*, *Shimmer* e *Glimmer*, fadas da moda que embelezam os modelos criados pelas estilistas; *Sequin*, a poodle de estimação de *Barbie*; *Jilliana* e *Jacques*, respectivamente uma gata e um cachorro estilista que pertencem à tia *Millicent*.

Barbie levava uma vida considerada 'perfeita', atuando como atriz de cinema, rodeada de amigas/os, amada pelas/os fãs e namorava o *Ken*. Mas, de repente, tudo

muda em sua vida, ela é despedida como atriz do filme em que gravava, recebe críticas na internet sobre seu trabalho, após a notícia de sua demissão, e *Ken* rompe o namoro por telefone. Abalada com os acontecimentos elas decide visitar tia *Millicent* em Paris.

Chegando a essa cidade, *Barbie* descobre que a confecção de sua tia está falida, o prédio foi vendido e precisa ser desocupado. Com a ajuda de *Alice*, *Barbie* descobre um armário mágico onde encontram três fadas da moda. Com a ajuda dessas fadas, as duas começam a trabalhar arduamente para preparar uma coleção e conseguir o dinheiro para impedir a demolição do prédio.

Enquanto *Barbie* e sua equipe trabalham na criação das peças, *Ken* enfrenta as maiores adversidades para chegar a Paris. Ele pretende fazer um ‘grande gesto romântico’ para provar à *Barbie* que o término do namoro foi uma armação.

Jaqueline e *Delphine* tentam boicotar o desfile sequestrando as fadas da moda, mas apesar disso *Barbie* e suas amigas conseguem produzir o evento e levantar o dinheiro necessário para cancelar o contrato de venda do prédio da *Millicent’s*. *Ken* consegue finalmente chegar a Paris e se declarar para *Barbie*, os dois trocam juras de amor e se beijam na passarela do desfile, arrancando aplausos da plateia. E, finalmente, parece que tudo na vida de *Barbie* voltou ao devido lugar.

A seguir, vamos elencar as partes relevantes do filme que podem auxiliar em nossas análises, trazendo os conceitos que nos parecem fundamentais para problematizar as ‘normatizações’ das identidades de gênero.

3. UM JEITO ‘BARBIE’ DE SER E A SUBJETIVAÇÃO DAS FEMINILIDADES

Para pensarmos as feminilidades apresentadas nos filmes começamos por entender as questões de gênero. Louro (2003, p. 96), ao discutir o processo de ‘feminilização’ da docência, apresenta as características que tradicionalmente se atribuem às mulheres, como amor, sensibilidade, cuidado, entre outras características atribuídas culturalmente. Essa ainda é a ideia de feminilidade predominante em nossa cultura e é a partir dela que as personagens dos filmes da *Barbie* são desenhadas, produzidas/veiculadas nos roteiros dos filmes analisados.

Primeiramente, urge conceituarmos gênero, Louro define Gênero como:

Uma construção social feita sobre diferenças sexuais. Gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são

representadas ou valorizadas, refere-se aquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade. (LOURO, 2000, p. 26).

O gênero não depende das questões biológicas, ele é, antes, uma questão social, uma construção cultural. Em outro texto, a autora complementa essa definição dizendo:

Operar com esse conceito implica, pois, necessariamente, operar numa ótica construcionista. Ainda que as formas de conceber os processos de construção possam ser (e efetivamente são) distintas, lidar com o conceito de gênero significa colocar-se contra a naturalização do feminino e, obviamente, do masculino. (LOURO, 2007, p. 207).

Nesse trecho, a autora enfatiza o caráter do gênero enquanto construção social, ainda que a construção dessa categoria analítica possa se dar sobre bases biológicas, o gênero é fundamentalmente cultural e social.

Louro (2003) argumenta que o gênero é “constituente das identidades dos sujeitos”, que não é algo definido e acabado, isto é, as identidades de gênero estão sempre se construindo e se transformando. É pensando nas identidades de gênero e nas feminilidades como algo socialmente construído que passamos a problematizar as feminilidades produzidas/reproduzidas e veiculadas nos filmes que analisamos.

Nos dois filmes, temos duas facetas das feminilidades de *Barbie*. Embora sejam a mesma ‘pessoa’/personagem, as duas facetas são distintas, guardando apenas algumas semelhanças. Nos dois filmes, *Barbie* é jovem e tem um corpo magro, sua pele é branca e tem longos cabelos loiros. Porém, como os filmes foram produzidos por empresas distintas, as imagens gráficas são bastante diferentes. A *Barbie* do filme *Diário da Barbie* é apresentada como adolescente, seu corpo não possui muitas curvas, ela não ostenta a riqueza e *glamour* apresentados no filme *Barbie Moda e Magia*. Vemos, aqui, uma ‘pessoa’/personagem comum, sem popularidade na escola e que – insatisfeita com sua vida sem ‘riscos e aventuras’ – pretende tornar-se uma nova *Barbie*, no novo ano letivo. Indiretamente, o seu objetivo é ser popular, e percebemos isso na fala da personagem: “*Ano passado parecia que eu era invisível, este ano eu quero que tudo mude*”. Essa mudança implica em ter determinadas atitudes, usar determinadas roupas, e estar em um grupo que possibilite atingir a popularidade. Para isso, *Barbie* ‘negligencia’ suas amigas, vai aos poucos adotando novas atitudes que lhe permitem adentrar no mundo dos/as populares. Porém, essas mudanças não agradam a suas amigas, que ficam insatisfeitas com as suas atitudes. A amizade é quase sempre um tema importante nos filmes da *Barbie*, em diversas obras as protagonistas enfrentam os desafios e perigos, para, ao final, descobrir o valor da verdadeira amizade, conforme nos apresenta os

vários roteiros. Dessa forma, a lealdade para com os/as amigos/as parece ser uma das características desejáveis de feminilidade apresentada nos filmes.

Percebemos, no filme, um trabalho de *Barbie* sobre si mesma, ela está construindo o seu modo de ser menina/mulher. Está construindo a imagem de feminilidade que deseja ter. Temos o exemplo dessa construção na cena em que as garotas vão ao *shopping* para comprar o vestido do baile. Nesse momento, *Barbie* diz: “*Quero um vestido que diga: eu sou uma garota legal, pra cima, divertida, com um lado misterioso*” (grifos nossos). Podemos pensar esse processo de construção da identidade feminina da personagem partindo do conceito – desenvolvido por Michel Foucault – de ‘modos de subjetivação’. Para o autor, a subjetivação acontece por meio das ‘técnicas de si’, que são procedimentos e técnicas que:

Permitem aos indivíduos, efetuar, por conta própria ou com ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta ou qualquer forma de ser obtendo, assim, uma transformação de si mesmo com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza sabedoria ou imortalidade. (FOUCAULT, 1995, p. 48. Tradução livre).

Percebemos nos dizeres do autor que a subjetivação demanda um trabalho do sujeito sobre si mesmo, sobre suas atitudes, seu corpo e seus pensamentos, atuando na sua própria transformação. Veiga Neto (2011, p. 111), traduzindo o conceito de Foucault, nos lembra de que a subjetivação se dá por meio de técnicas que aplicamos sobre nos mesmos e, também, que os outros aplicam sobre nós. Em uma cena em que *Barbie* conversa com *Todd*, ela diz: “*Minha avó costumava dizer: o que os outros pensam sobre você não é da sua conta*”, enfatizando a constituição das identidades como um processo exclusivamente pessoal, tentando desconsiderar as questões sociais. Apesar disso *Barbie* repensa suas atitudes diante da insatisfação de suas amigas para com ela. E, novamente, a protagonista volta a uma reflexão sobre si, e sobre seu modo de ser e agir. Apesar de ser um processo pessoal, a subjetivação é também um processo social e cultural. Constituímo-nos como sujeitos a partir do que é socialmente aceito em nossa cultura, portanto a subjetivação não é um processo apenas pessoal, mas antes, um processo social.

Vemos no filme que *Barbie* está atuando deliberadamente sobre a construção de suas identidades e do seu modo de ser e de estar no mundo. Ao final do filme ela aparece escrevendo em seu diário e conclui: “*Eu acho que coisas incríveis acontecem mesmo quando a gente bota os sonhos no papel, então da próxima vez que alguém perguntar se você acredita em mágica, a única resposta é sim! A pulseira era mágica?*”

Claro! Pois sem ela jamais teria descoberto quem eu era de verdade, a pulseira destrancou o diário, e o diário me destrancou". (grifos nossos). Essas frases demonstram que *Barbie* teve a percepção dos processos que a transformaram, identificando os meios pelos quais ela chegou ao final do filme com uma nova identidade e se percebendo de forma diferente.

No filme *Barbie Moda e Magia*, como já mencionamos, há uma *Barbie* diferente. O desenho da personagem apresenta contornos mais arredondados, remetendo a um corpo adulto. A protagonista é da classe social mais abastada e tem uma vida glamorosa como atriz de cinema. Além disso, a sinopse oficial ressalta: "Barbie parece ter tudo: grandes amigos, **boas notas**, um namorado fantástico, uma carreira de sucesso como atriz, beleza, inteligência, riqueza..." (grifos nossos). Essa questão de boas notas, apesar de aparecer na sinopse, não faz parte do filme, ou seja, não aparece no enredo da história a personagem no espaço escolar. Em nenhum momento *Barbie* é apresentada como estudante nesse filme, aparentemente ela já passou da idade escolar. Por que razão então a sinopse fala em notas? Voltando aos 'modos de endereçamentos' de que nos fala Ellsworth (2001), podemos então pensar que isso aparece no texto para criar empatia com a espectadora. Podemos também pensar que as 'notas' aparecem com o objetivo de subjetivar as espectadoras como boas alunas, como uma atitude para além da moda e do estilo. Aliás, essa é uma característica de *Barbie* no filme *Diário da Barbie*, no qual ela é apresentada como a melhor aluna de sua turma.

A *Barbie* desse filme aparece como meiga, calma, gentil e prestativa. Temos, nesse filme, a ideia de uma feminilidade contemporânea, que conduz sua vida com autonomia, profundamente ligada às questões de moda e beleza, sem esquecer o uso da internet e das redes sociais. É por meio da internet que *Barbie* vê as críticas que recebeu do público, e é também por meio da rede que ela promove o desfile de modas, divulgando o evento e atraindo o público. Além dessas características que já destacamos, outro elemento é ressaltado na fala das fadas da moda. Ao serem salvas por *Jilliana*, elas dizem: "Beleza, cérebro e força, isso que é estilo!" Dando, com isso, ênfase a um determinado modo de ser feminina. O 'estilo' aparece no filme como um elemento que compõe as formas de ser feminina, como um traço da identidade da garota. Vemos isso na frase de *Sequin*, quando diz: "Eu ando com a *Barbie* e ela me ensinou que o verdadeiro estilo é não ter medo de se expressar." Temos mais uma vez, tal como aconteceu no filme *Diário da Barbie*, uma reafirmação do caráter pessoal no tocante à construção das feminilidades. Porém, percebemos durante todo o filme a

reafirmação do uso da moda e do estilo como uma forma de ser e de estar na sociedade, remetendo a um dado modelo de feminilidade que se constitui socialmente.

Outro elemento, que podemos entender como demarcador de um determinado modo de feminilidade e que aparece nos dois filmes, é a ideia de ‘amor romântico’. No primeiro filme *Barbie* se apaixona por *Todd* e no final dedica seus sentimentos a *Kevin*, que a amava verdadeiramente. No segundo filme o ‘amor romântico’ é mais explícito. *Barbie* sofre com o fim do relacionamento com *Ken* e tenta esquecê-lo, mas em diversos momentos é flagrada vendo fotos ou pensando nele. Jane Felipe (2007) nos propõe que essa ideia de amor, como parte das identidades femininas, foi fortemente reafirmada e legitimada desde o início do século XX. Temos nesses dois filmes uma reafirmação dessa verdade, apresentando a ideia do amor como inerente ao ser feminino.

A seguir passamos a algumas considerações sobre as análises aqui realizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tomamos o filme de animação da *Barbie*, como uma possibilidade de analisar e problematizar os modelos de constituição das feminilidades. A análise aqui realizada é apenas uma das possibilidades de se utilizar e problematizar um filme, de entendê-lo como artefato cultural, e como tal, envolvido no mecanismo de produção/reprodução de conhecimentos e de verdades. Os autores GIROUX e McLAREN, (1998, p. 147) propõem que a mídia (ou filme) seja problematizada no âmbito escolar, discutida a partir das experiências dos/as estudantes.

Sabemos que por vezes os filmes da *Barbie* são utilizados no espaço escolar com crianças pequenas, em geral nos momentos de recreação. Mesmo que não sejam problematizados e discutidos no âmbito escolar, esses filmes produzem/reproduzem conhecimentos e saberes, pois, como nos lembra FISCHER (2002) de alguma forma esses saberes se dirigem a educação das crianças. Podemos então pensar na possibilidade de problematizar com as crianças os modelos de feminilidades e masculinidades que essas obras apresentam, repensando as inúmeras possibilidades para vivência dos gêneros. Para, além disso, os filmes estão o tempo todo educando, por isso a relevância da sua discussão.

REFERÊNCIAS

ELLSWORTH, Elizabeth. *Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também*. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Nunca fomos humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 7-76.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. *et al.* (Org.). **Gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**, Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 31-45.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n. 1, p. 151-162, jan/jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11662.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: Arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo otros textos afines**. Barcelona: Paidós/Universidad Autónoma de Barcelona, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GIROUX, H. A.; McLAREN, P. L. Por uma pedagogia crítica da representação. In SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (Org.). **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 144-202.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Educação em Revista. Belo Horizonte, nº 46, p. 201-218, dez/2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>. Acesso em: 15 de Abril de 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Cinema e sexualidade**. Educação e realidade. n. 33, p. 81-98, jan/jun 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6688>. Acesso em: 20 de abril de 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria Cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

FILMOGRAFIA

Diário da Barbie. Título original: *The Barbie Diaries*. Produzido por *Curious Pictures*. Escrito por: *Elise Allen e Laura McCreary*. Produção de *Kallan Kagan*. Direção de *Eric Fogel*. Duração de 73 minutos – 2006.

Barbie Moda e Magia. Título original: *Barbie In A Fashion Fairytale*. Produzido por *Rainmaker Entertainment*. Roteiro de *Elise Allen*. Produção de *Shelley Dvi-Vardhana* e *Shawn McCorkindal*. Direção de *Walter P. Martinshius*. Duração de 82 minutos – 2009.